

## Arrastão secundarista

Grupo Contrafilé

Esse texto tem um tom informal, pois é o registro de uma conversa que aconteceu em uma tarde, no início de setembro de 2016, logo após a consolidação do impeachment da presidenta da república. As questões iniciais se dirigiam a pensar o que diziam as ocupações das escolas de São Paulo, entre 2015 e 2016. Entretanto, deixaram-se arrastar por outros assuntos, rastreando os efeitos disparados no encontro entre as ocupações, questões do cenário macropolítico e as práticas educacionais em jogo na conversa.

**Cadernos de Subjetividade:** Tive a oportunidade de trabalhar com a *Batalha do Vivo*<sup>1</sup> com os gestores e gestoras da rede municipal de Itabira, Minas Gerais. O material produz bastante aderência e é importante. Muitas pessoas acham que a história dos estudantes secundaristas é uma “zona”, e trazer o material ajudou muito, pois dá acesso e legitimidade para a experiência. Traz a voz dos estudantes e funciona como um disparador de conversas.

**Contrafilé:** Parece importante também, nessa conversa, que a gente possa fazer conexões imprevistas entre os secundaristas e outras situações que relacionadas com o lugar da escola. Mas, para começar, a gente podia falar um pouco sobre como essa experiência junto aos estudantes reverberou em nós ou o que fica disso tudo... Teve algo que eu aprendi nesse processo e que tem me feito pensar na relação entre estética e política nesses movimentos insurgentes. Agora, quando olho para outras situações que têm essa

---

<sup>1</sup> *A batalha do vivo*. Grupo Contrafilé, secundaristas de luta e amigos. 2016. Disponível em: <[https://issuu.com/grupocontrafile/docs/a\\_batalha\\_do\\_vivo](https://issuu.com/grupocontrafile/docs/a_batalha_do_vivo)>.

potência da insurreição, parece que uma chave de olhar se abriu. E isso tem relação com aquela imagem deles correndo com a carteira junto do corpo. É a imagem de uma situação em que a política não se encontra em um lugar diferente do lugar do protesto, da mesma maneira o modo como esse momento da emergência da insurreição acontece não é descolado da prática ou do cotidiano. Parece que tudo conflui. O dia a dia ganha a potência da política e a política ganha a potência do cotidiano. E aí não dá mais para entender a política como outra coisa que não isso. Em uma entrevista recente, Anselm Jappe<sup>2</sup> chamou isso de antipolítica, que é essa política muito conectada com a vida, com o que se quer para a vida. Com isso, a gente sai da esfera institucional, mas não só, pois o institucional também pode nascer daí, mas tem a ver com sair de uma relação que há sempre algo fazendo uma mediação entre aquilo que se deseja e a própria vida. Como eu quero morar, conversar, sair, como eu quero me sentar, me movimentar pela cidade, enfim como eu quero viver ou morrer. Porque a gente chegou a um momento da nossa urgência que está fortemente relacionado com aquilo que não cabe mais, com o insuportável, parece que é esse o grito e o que conecta com algo que “resta”, que escapa e que está necessariamente vivo. Giorgio Agamben fala disso no texto “O que é um dispositivo”<sup>3</sup>, de que a gente chegou em um ponto do corpo a corpo com os dispositivos em que a subjetivação é tão profunda que já é uma dessubjetivação total, porque nem se sabe mais onde está o tal do sujeito. E ele diz, então, que existe um perigo nessa dessubjetivação, porque a formação de um corpo social tão dócil e tão frágil, e nunca antes constituído, daria vazão a um “inapreensível”. E isso que foge é a própria vida. Agamben fala que não necessariamente isso é político, mas se a potência política estiver em algum lugar, ela está aí nesse inapreensível que está onde a vida pulsa.

**CS:** Também tenho pensado nisso de algum modo e, talvez, por essa razão a história da corrupção da merenda das escolas tenha ficado tão forte. Não consigo pensar em algo com um simbolismo tão óbvio ou tão claro do que corromper o alimento de estudantes, crianças e adolescentes, interditar ou corromper a possibilidade de nutrição. Penso na fala de outros estudantes, de Itabira, uma cidade pequena, mineradora e rural. São alunos muito diferentes dos secundaristas de São Paulo, mas, ao mesmo tempo, não são tão

---

2 Dada ao blog da editora Boitempo em agosto de 2016. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/08/19/anselm-jappe-as-camadas-mais-reacionaria-s-do-brasil-retomaram-o-seu-antigo-poder/>>.

3 Agamben, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tr. br. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2012.

diferentes assim, e essa proximidade na distância parece interessante. Em conversa com eles, pensando em como seria a escola que gostariam de ter, aparecem falas sobre a merenda do tipo: “ah, podia ser uma merenda variada, com vários tipos de suco e de frutas, não a mesma coisa todos os dias” e “a merenda poderia ser preparada pelas nossas avós, já que comida de vó é sempre deliciosa”. E é tão engraçado, pois quando digo que vou fazer grupo de escuta com os alunos a reação dos gestores e professores é sempre a mesma: “você sabe o que eles vão querer, né? Um bebedouro de Coca-Cola!”

**CF:** E aí eles querem avó e frutas!

**CS:** E então chega a notícia sobre a corrupção das merendas. Quer dizer, a escola já incide sobre a vida e está aberta aos mais diversos fluxos do fora, e aparentemente não se fala sobre isso. A alimentação, na maioria das escolas públicas, não é um tema, não se faz uma discussão curricular, não é debatida ou experimentada. Tem aquela rede municipal italiana, Reggio Emilia<sup>4</sup>..., outro dia assisti uma cena de uma escola de lá: um grupo de crianças em volta de uma mesa redonda com diversas especiarias no centro: pau de canela, cravo, noz moscada, camomila... Elas experimentam, sentem o cheiro e dizem o que lembra ou o que dá vontade de fazer - misturar com outra coisa ou o que vier na cabeça. Na cena seguinte, aparece uma criança observando e desenhando uma abóbora partida ao meio. Dá para ver que a cozinha da escola é envidraçada e aberta, acessível. Já nas escolas daqui, a comida não é considerada um saber e isso parece indicar que a vida está apartada da educação. Tem-se um objetivo, mas ele passa ao largo da vida. E a vida vai escapando, no bom e no mau sentido. Nesse contexto, não parece contraditório encontrar escolas desvitalizadas, alunos desatentos, professores cansados. Ainda que existam muitas exceções, trabalhos sérios, a política estadual de educação dos últimos 20 anos, em São Paulo, é uma política esmagadora da vida.

Uma das coisas que mais me chamou atenção na publicação de vocês foi o título *A batalha do vivo*, justamente por querer trazer essa perspectiva para a educação, talvez seja uma perspectiva vitalista: a vida poder ser a propulsora da educação. Parece uma pergunta importante a ser feita quando se vê um currículo todo organizado: e a vida? É claro que, com essa pergunta, não se pretende esquecer ou abrir mão do currículo, mas pensar como essas

---

4 Uma proposta educacional que teve início a partir de uma iniciativa comunitária após a Segunda Grande Guerra na região de mesmo nome, na Itália. Diferencia-se por ter a escuta das múltiplas potencialidades da criança como eixo norteador dos processos pedagógicos.

coisas podem caminhar juntas. Então é como eu quero conversar, me movimentar, me sentar - como você estava dizendo: “e como eu quero comer ou como se ensina a comer”. Essas questões estão distantes das escolas. Quer dizer, tem sempre um “senta direito!” - uma moralização, mas não um contato com a vida ela mesma.

**CF:** Algo que você fala e que me parece interessante quando descreve como os alunos de Itabira se relacionam com a alimentação. Você diz que “a alimentação é acessada como um intervalo entre as atividades didáticas, um momento para nutrir-se”. Essa ideia do intervalo me fez pensar em como e onde as coisas sobrevivem no espaço da escola. Desde quando começamos a trabalhar com surdos<sup>5</sup>, ouvimos histórias de sua vida escolar que, a princípio, pareciam anedotas, como aquela sobre os braços dos estudantes surdos serem amarrados nas cadeiras para que não pudessem se comunicar através da língua de sinais. Depois, estudando mais a relação do espaço escolar com esse corpo que fala outra língua, esse que é um corpo vivo, um corpo outro, que fala uma língua-do-corpo, começamos a entender como a escola foi se constituindo como esse espaço que aparta esse corpo dele mesmo e dessa língua que lhe é natural. Houve um tempo em que esse corpo era proibido simplesmente de existir: quem nascia surdo era assassinado. E um tempo em que esse corpo era proibido de falar essa língua e, nesse momento, a escola foi um espaço importante, no sentido de criar dispositivos de proibição e de abafamento completo desse corpo. E a cadeira da qual falamos no início, que se desloca e que vira um outro instrumento ou outro dispositivo, na história dos surdos essa mesma cadeira já era um monstro violentíssimo, pois era uma cadeira com cordas para amarrá-los de uma forma que os impedisse de usar a própria língua e o próprio corpo, o corpo como uma fala possível. E não só a cadeira, claro, mesmo a escola especial, criada para os surdos, é um dispositivo pensado por alguém que escuta, onde se criam diversas ferramentas para que aquele corpo se integre a um mundo/modo hegemônico. Como se o corpo do surdo precisasse ser restabelecido ou refeito e curado, para se adaptar. Isso me faz pensar: se a história é tão perversa e tão longa, como essas línguas sobreviveram? E se a escola não é um espaço de fortalecimento dessas línguas e desses corpos, pois a gente percebe, historicamente, o papel da proibição de sua existência nas escolas, como esse corpo sobrevive? Penso que tem relação com os intervalos em toda essa estrutura programática. Essa

---

5 O trabalho realizado por Cibele Lucena e Joana Zatz Mussi com jovens surdos pode ser visto em: <<http://corpo-sinalizante.blogspot.com.br/>>.

língua foi sobrevivendo nos intervalos mesmo, no corredor, escondido no banheiro, nos cantos e, claro, em outras organizações fora desse espaço. Isso faz pensar também em como as atividades didáticas são concebidas a partir desse modelo que aparta totalmente as várias formas de vida e os desejos – o desejo pela comida da avó ou qualquer outra coisa que possa desembocar em uma “contradidática” que possibilite uma outra escuta mesmo. Então, se é sempre no intervalo, como fazer esse intervalo não ficar só no intervalo, como fazer para que ele possa virar outra coisa?

**CS:** Como o intervalo pode ser amplificado...

**CF:** Como pode deixar de ser um pequeno intervalo num imenso monólito violento.

**CS:** Isso me fez lembrar a pesquisa de uma professora do Rio Grande do Sul<sup>6</sup> que mostra como evoluíram as carteiras escolares e os instrumentos pedagógicos, e como isso chegou às cadeiras de braço utilizadas hoje. Todas as amarrações que já existiram, e não somente para os surdos.

**CF:** Isso, não somente para os surdos. Ou talvez as histórias dos surdos façam pensar em todas as outras. O fato de os secundaristas escolherem justamente a cadeira como uma arma material e simbólica de luta parece muito com essas amarrações que produzem revolta. Por que tenho que ficar preso aqui, nessa cadeira, enquanto tudo acontece “lá fora”? E se relaciona com o que a gente está falando: por que a comida não pode ser um saber, por que aquilo que se deseja não pode ser pensado na escola? Fica um pouco aquela sensação de uma pessoa dentro da sala de aula olhando pela janelinha. Por que o currículo não pode ser baseado na vida? A comida é considerada socialmente importante, mas isso não parece ser suficiente para ser parte da escola. E claro que nisso há um crivo socioeconômico, porque em muitas escolas particulares a comida é cuidada, não é a merenda seca de que se tem notícia em algumas escolas públicas. Situação parecida com aquela da presença de caixas de livros que nunca foram distribuídos aos estudantes... É algo que eles não podem acessar. E por outro lado, vários desses estudantes, hoje, estão participando de saraus e de outros movimentos com literatura, literatura marginal, periférica, batalhas de poesia e tal. Por que não há espaço para isso na escola, por que eles não podem organizar uma biblioteca?

---

<sup>6</sup> Paola Zordan é artista e docente da UFRGS, onde desenvolve temas entre historiografia da arte, formação de professores e esquizoanálise. O trabalho em questão foi apresentado em uma conferência do Seminário Conexões Deleuze de 2015, na UNICAMP.

Também mostra o desejo de uma conexão com a sociedade, ou seja, esse ocupar é uma abertura. E não se refere somente a ocupar um território, há também uma ocupação do nosso próprio corpo e, quando você se ocupa, de si ou de algo, você se conecta. Quer dizer: não dá para você se conectar se não ocupa, porque você vai conectar o que com o quê? Por isso, no livro *A Batalha do Vivo*, chegamos nessa história de pensar também no movimento como uma possibilidade de conectar diferentes camadas: corpo, casa, escola, mundo. De entender que não são coisas separadas, que tudo existe simultaneamente e que, quando conseguimos criar territórios do comum, nos tornamos capazes de nos conectar e de conectar essas múltiplas camadas, de entender quem somos, onde estamos, e que existem “outros”, humanos e não humanos. Enfim, não existe um antes e um depois, são várias camadas coexistentes, e o comum produz, assim como é produzido por essa experiência de simultaneidade. Estamos falando de uma ocupação do vivo, ou de uma ocupação com a vida, pois não dá para ocupar sem vida, é a vida que ocupa, que reverbera e contamina abrindo para o mundo. Uma coisa bonita desse movimento foi justamente nós, como sociedade, termos sido convocados a pensar a escola. E parece que ficou muito claro como a gente não pensa a educação das nossas crianças e jovens! Não se trata de pensar em uma escola para um outro, mas para nós mesmos, para a nossa sociedade, para todos nós, nossos filhos, nossas crianças.

**CS:** E nesse sentido a imagem do berrante sobre a qual vocês falam no livro fica forte. Porque o berrante tá tocando, os jovens estão tocando esse berrante de dentro das escolas. Tem gente que está ouvindo e tem gente que não está. Como não ouvir? E quem ouve parece se aperceber justamente disso que você está colocando agora: é preciso discutir a escola, um projeto de escola.

**CF:** E o mais interessante do movimento secundarista é que ele saiu de dentro da escola, de uma urgência muito cotidiana. Nesse sentido, ele não é o resultado de um projeto prévio ou abstrato, mas é vital, uma urgência social, algo sobre o que a gente precisa pensar, pois é do nosso corpo que se trata. O movimento teve um saber de conseguir convocar ou criar um povo que não existia, que eles conectaram ou que se conectou com o movimento deles. De que precisa a escola a não ser isso?

Parece que chegamos a um ponto de soterramento que essa geração não aguenta mais e não vai se sujeitar mais. Aprendemos algo, com nosso corpo de 40 anos, ao olhar para esse corpo de 15 ou 16 anos que é de uma radicalidade muito grande e que parece não caber mais o soterramento, em vários níveis: na relação com a escola, com a polícia, com a política partidária,

com as instituições em geral. Esse corpo não cabe mais, e é tão legal olhar para ele e perguntar: que corpo é esse, que meninas e meninos são esses?

**CS:** E quais são os indícios disso de que você está falando?

**CF:** Por exemplo, esse lugar de um outro feminismo, um outro corpo de mulher. Ou uma outra coragem de discutir o corpo da mulher. A gente nem utilizava, quando tinha essa idade, o termo feminismo ou mesmo gênero e, de repente elas já estão em outro lugar, nem falam de gênero mais.

**CS:** É como se o conceito de gênero não operasse mais...

**CF:** E isso é natural, está rolando. Parece que tem uma força sexual, vital mesmo, que movimenta e conecta esses corpos. E parece que, se a gente não aprender sobre isso ou sobre esses corpos agora, o que vai ser dessa escola soterrada, engolindo areia? Vai ser um fóssil. Olhando para eles, é muito forte o jeito de se vestir, de transitar, de pensar o corpo. Muito radical e potente. Muito vivo.

**CS:** Toca na questão da beleza, que também aparece no livro.

**CF:** ... como os gestores disseram que você ouviria dos alunos que eles iriam querer Coca-Cola e hambúrguer, e não é nada disso. Na ocupação, eles produziram uma escola. Uma escola produzida exatamente por esses corpos que a gente é convencido a acreditar que são incapazes. Ou vândalos. Uma manobra narrativa parecida com a que está se fazendo com as manifestações contra o *impeachment* agora. E isso tem incidido ainda mais sobre eles, os secundaristas. Na verdade, são eles desde sempre. Não somente agora, com essa lógica de criminalizar protesto e manifestação. Esse tipo de tratamento é o mesmo destinado a esses corpos desde sempre. Eles são suspeitos, precisam ser exterminados - parece ser um mesmo fio da História. E inclusive, agora, nesse momento de manifestações contra o golpe, estão sendo muito perseguidos. Eu estive conversando com uma delas e ouvi que eles estão saindo de todos os grupos virtuais, estão sendo totalmente vigiados, mesmo; a polícia sabe o nome de todos eles. Estão sendo perseguidos em um nível radical, e isso é bem sério. Mas, enfim, eles são perseguidos há tempos. É o mesmo corpo que é perseguido e, ao mesmo tempo, esse é o mesmo corpo que, hoje, se movimenta e existe de um outro modo.

Esse lugar da beleza que você lembrou, acho que também foi uma coisa sobre a qual a gente aprendeu muito. Poder escutar isso e perceber se tratar dessa potência de um corpo que se inventa de um outro lugar, o lugar da ocupação da escola, onde eles inventaram uma escola, inventaram aulas, chamaram esse povo para estar lá, organizaram espaços de discussão e de aprendizagem. Isso tudo parece se relacionar com uma confiança nesse

corpo, com poder habitá-lo sem acreditar nessa narrativa hegemônica, desvencilhando-se dessas mentiras todas que a gente internaliza. E no final tem muito a ver com se perceber bonito.

**CS:** A beleza acaba sendo um efeito da vitalidade deles ou da vitalidade em jogo.

**CF:** É totalmente diferente de uma beleza que se tenta produzir com uma chapinha... Quer dizer, a menina estava lá na ocupação, envolvida em várias ações e, de repente, o cabelo dela ficou de um jeito... E o amigo vira e diz que ela tá linda, muito mais bonita do que quando faz a tal chapinha. E aquilo foi um abraço que ela nunca experimentou com aquele outro corpo, com o qual ela ficou juntando dinheiro pra fazer um *piercing* e assim vai... E os cabelos, um pinta de azul, o outro de verde. Um jeito que se relaciona também com dar a mão, dormir junto, olhar para o outro e falar: “coragem”. Um dos meninos, no início do processo, se apresentou como menina. Fomos acompanhando ele se assumir um garoto ao longo dos meses de trabalho. Hoje, ele usa as redes sociais como espaço para falar sobre os corpos trans e os efeitos de se assumir com outra sexualidade. Parece que esse lugar os encorajou para muitas coisas.

Existe ainda uma potência do coletivo, uma sustentação. Penso que isso também tem muito a ver com o cuidado. Parece que essa beleza da qual estamos falando não é a de um padrão, mas a de uma complexidade que se forma. Ela está presente no corpo, elas dizem muito que se sentem bonitas lutando, e eu acho que isso se conecta com o que falamos sobre esse processo ou com a ideia da luta estar diretamente conectada com a vida. E nas ocupações isso também passava pela possibilidade de as pessoas se conectarem com outras com quem nunca tinham conversado, ainda que estivessem na mesma escola: “estamos aqui há dez anos, um ao lado do outro, e nunca tínhamos conversado”, “eu nunca tinha olhado no seu olho”. Eles falaram muito disso e de que são ensinados a competir e a não se gostar. E eles se apaixonam, não necessariamente para namorar, mas passam a serem amigos, e só isso já faz com que você se sinta maravilhoso. Tem outra coisa também que é o cuidado com a escola, ou essa coisa das camadas: o corpo, a casa, a escola e o mundo. Isso se relaciona com uma sabedoria indígena trazida pelo antropólogo Pedro Cesarino pra gente, uma sabedoria que não deixa esquecer que é tudo vivo, porque a gente se esquece, e não podemos esquecer que o universo é vivo, não é uma foto. E a gente cria mundo. E os secundaristas perceberam isso. Esse cuidado com o corpo, que é bonito porque é potente, vira o cuidado com o espaço. Esse cuidado com o espaço vira imagem - eles também

tiveram essa inteligência estratégica em se preocupar com a imagem ou com a imaginação radical: eles produziram uma imaginação que pode circular e pode convocar. Eu pensei sobre isso porque... quando a gente está junto para escrever, no momento do turbilhão, e depois de um tempo da escrita, do trabalho e tal, eu achei muito interessante o gesto deles de pintar a escola, porque quando a gente estava dentro da experiência isso parecia óbvio, mas não é nada óbvio. É estratégico, não é óbvio. As imagens deles pintando a escola, fazendo comida, têm muito a ver com esse cuidado. Com querer ser cuidado e cuidar.

**CS:** Isso me lembra da ideia do direito de zelar... Acho que a ocupação do Parque Augusta<sup>7</sup> também tocou nessa questão do direito de cuidar. E é como se os secundaristas dissessem que têm o direito de cuidar da escola. No dia a dia, eles não têm, mas na ocupação isso ficou muito vivo.

**CF:** E é um cuidar transmitido pela imagem que circula pelo espaço e pelo corpo que está lá, esse outro corpo a nos desafiar e mostrar que é preciso a gente se abrir para essa escuta, porque senão a gente se enrijece tanto quanto a escola. É preciso olhar para esse corpo e pensar o que ele diz sobre o meu. Parece também que é um zelar ou um cuidar dos vínculos, das relações e das conexões. Eles pintavam as salas, cuidavam das coisas e se preocupavam com quem estava lá, com quem ia falar. Preocupavam-se em ter uma quantidade equilibrada de meninas e meninos, sentir como os vínculos iam se dando na distribuição da comida, de quem ia cozinhar, de como iam se aquecer, quem tinha cobertor e quem não tinha. É um cuidado com as relações que é muito profundo.

Quando a gente ia às ocupações e se juntava a um grupo e, de repente, as pessoas vinham chegando e se formava uma roda enorme, e chegava mais gente e se abria ainda mais a roda... As pessoas queriam conversar! Parecia haver um cuidado com a escuta também, com o outro, com o falar, com o escutar, com o estar. Um cuidar que tem muito a ver com o desejo, porque, se não for assim, parece que não é um cuidado. Por exemplo, a merenda, se ela não está conectada com o desejo... quando eles dizem que querem a comida da avó, não é de uma comida investida de desejo que eles falam? Imagina o desejo da avó em fazer a comida para o neto? Acho que é disso que eles estão falando, porque uma conexão de desejo com comida, em

---

7 O Movimento Parque Augusta ocupou, em diversos momentos, nos últimos anos, o terreno entre as ruas Augusta e Caio Prado, no bairro da Consolação, reivindicando a sua abertura e transformação em parque público, sem torres, com gestão popular.

seu nível máximo, é a comida da avó! E parece a coisa mais simples do mundo a cozinha ser sala de aula, chamar as avós que sabem cozinhar para entrar nela; parece algo muito óbvio. Por que não escutar isso? É algo que se conecta com o desejo de cuidar e ser cuidado. O que a educação precisa hoje exceto isso? O que o mundo precisa hoje a não ser isso? Para que a gente trabalha tanto, afinal? A gente precisa de cuidado e aprender a cuidar.

Lembrei-me de uma situação no dia em que a gente foi na Diretoria de Ensino<sup>8</sup>. Uma das meninas da ocupação havia perdido o pai durante aqueles dias. Foi uma situação complicada, pois ela morava com ele. Desde então, ela esteve cada vez mais presente nas ocupações, porque parecia que precisava desse espaço. Mas quando o pai morreu, ela precisou voltar, pelos menos teoricamente, para a casa da mãe, um lugar com pouca conversa ou escuta – parece que se reproduz um tabu do diálogo e ali não se conversa quase nada. Então, ela foi morar nas escolas e passou a ir a tudo o que se referia à ocupação. Lá era o lugar onde ela conseguia respirar, literalmente, porque ela teve asma. Em um dos dias em que estávamos saindo da Diretoria de Ensino, já era de noite, conversei com um amigo dela, disse que estava preocupada, pois ela estava muito fragilizada, não conseguia tomar o remédio e não estava conseguindo respirar... Parece que só estava conseguindo respirar na ocupação. E ele me disse: “eu sei, mas não se preocupa, pois ela tem muitos guardiões aqui, todo mundo sabe o que aconteceu com ela e está atento.” As ocupações deram a essa menina dignidade e força em um momento muito traumático de sua vida. Foi um alimento, muito fortalecedor.

**CS:** Queria falar de algo que está pulsando aqui e que é uma aflição em nomear e identificar, refiro-me às questões dos alunos. Talvez esteja um pouco atravessada pela ideia de que, por exemplo, quando você fala em trauma, você também produz o trauma. Às vezes, me dá vontade de preservar o que está sendo produzido, ou seja, não nomear para eles poderem usufruir desse corpo que estão inaugurando... ao mesmo tempo, dá vontade de falar sobre essa experiência com muitas pessoas, abrir espaços, contagiar outros processos educacionais, porque pensar em uma espécie de arrastão secundarista me parece muito potente. Vocês também oscilam entre o falar e o não falar, o abrir e o não abrir essa experiência? Ou será que falar faz parte do acontecimento?

---

8 Os secundaristas de luta ocuparam a Diretoria de ensino da região Oeste em junho de 2016 como uma das ações de mobilização para a investigação da corrupção das merendas.

**CF:** Boa pergunta... Mas vou ser sincera, não é uma questão para mim, e acho que tem a ver com o lugar de fala que a gente escolheu, o lugar de artista ou de educador-artista. Trata-se sempre de falar de um lugar do que reverbera, não é um falar sobre. É um falar daquilo que está vivo e que reverberou como obra mesmo. É falar de onde isso arrastou a gente ou pra onde vai arrastando. Esse lugar de prestar atenção nesse corpo inaugural e suas potências e, ao mesmo tempo, não ficar cego, esfumado, sem conseguir enxergar ou escutar, perceber e se abrir para tantas coisas, para onde esse arrastão vai arrastando a gente, pra cá, pra lá. Acho que falamos desse lugar e não criamos verdades ou frases de efeito nem encerramos a potência do arrastão do movimento. Vamos reconhecendo, elaborando e percebendo aonde isso vai pegando. Acho que é um pouco o que estamos fazendo nessa conversa agora, o que cada uma aprendeu, o que ficou forte.

**CS:** Vocês conhecem os movimentos que falam de desescolarização?

**CF:** Não conheço muito. Já ouvi falar, sim, mas precisaria me aproximar mais para dar uma opinião. A sensação que tenho é que é um pouco elitista, no sentido de que é preciso ter bastante estrutura para poder aderir ao movimento. Acho que isso relação com uma coisa sobre a qual queria falar de uma palestra que assisti da Lilian Kelian<sup>9</sup>. Ela diz que tem muita gente legal, artistas, coletivos, movimentos diversos, muita coisa rolando, mas que não há muita energia investida, de desejo mesmo, para pensar as instituições ou um movimento de repensar a escola como instituição. Fica sempre nessa coisa anti-institucional. Ela coloca como seria legal pegar todo esse desejo e essa criatividade... - porque há um monte de gente interessante e inteligente, mas que está sempre pensando o fora ou de fora da instituição, fora da escola -, seria muito legal pegar todo esse desejo e pensar a escola. E o quanto os secundaristas fizeram justamente isso - eles pegaram todo esse desejo, essa coisa não formal que extrapola e, de dentro, a partir da instituição, eles atuaram. E isso foi muito interessante, porque deu uma ideia de que não existe tanto essa coisa de fora ou dentro, mas, sim, de que é preciso pensar a partir do desejo. Acho que isso conecta com o começo da nossa conversa: pensar a partir da vida, do que conecta, do desejo e pensar nessas estruturas institucionais. Como a gente pode injetar vida e potencializar as instituições?

---

9 Palestra proferida no Seminário Políticas da Mediação: playgrounds, realizado durante a exposição *Playgrounds*, entre os dias 15 e 16 de abril de 2016, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. A palestra está disponível em: <[http://masp.art.br/masp2010/mediacaoeprogramaspublicos\\_playgrounds.php](http://masp.art.br/masp2010/mediacaoeprogramaspublicos_playgrounds.php)>.

**CS:** Isso. Perguntei porque é preciso considerar o perigo de enfraquecer a escola no contorno de Brasil que se tem hoje, porque para muitas crianças e adolescentes a escola é a grande oportunidade de encontro, de ter contato com coisas diferentes. E parece que ganha força a questão da crítica, estar aberto para o fora, mas sem implodir a escola totalmente e, nesse movimento, fortalece-la de alguma forma. E isso é muito difícil, se a gente imagina, por exemplo, que agora a escola vai se dedicar a pensar a merenda e o que se passa é uma didatização da merenda... E não é disso que se trata, mas, sim, de encontrar um balanço entre a instituição e a vida, entre instituição e desejo, e perceber como isso produz diferença na própria escola.

**CF:** Não virar a didática da merenda tem a ver diretamente com o que a gente quis trazer com a batalha do vivo: a escuta precisa estar viva. Porque para cada escola vai funcionar uma coisa diferente. E não importa o que é, mas importa a coisa estar viva, existir um fluxo. Em um ano pode se dar uma experimentação e, em outro ano, outra. Tem que ir fazendo sentido e não ser algo imposto, morto, mórbido, sem respiração...

**CS:** Exatamente, sem que isso vire um programa para ser implantado. O que a gente entende é que o processo envolve investigar com as pessoas qual será o programa a ser posto em prática.

**CF:** Com as pessoas! E depois isso vai mudar e mudar de novo. É um fluxo. E esse é um grande exercício. A escola deveria ser esse espaço de vida mesmo.

A gente leu um texto que fala da origem da palavra escola, do grego ekole. Escola vem de intervalo, que era justamente o intervalo da produção ou do tempo produtivo. A escola como um um grande intervalo para poder pensar, se encontrar, fora da lógica da produção.

**CS:** E agora a escola foi totalmente capitalizada.

**CF:** Essa é a questão, o tempo produtivo dominando completamente e o intervalo virou mais um espaço de “vigiar e punir”.

**CS:** Os alunos não podem sequer ao banheiro. E há uma exigência de velocidade também.

**CF:** Isso de não poder ir ao banheiro é uma coisa muito estranha. Lembro-me de quando entrei na faculdade, podia ir ao banheiro sem perguntar... Foi uma sensação de liberdade! É exatamente a questão de que o corpo não tem lugar.

**CS:** Lembro-me de um colega de sala, quando eu estava na primeira série, que fez xixi na classe. A gente tinha acabado de voltar do recreio e ele pediu para ir ao banheiro e a professora disse que ele não podia, pois tinha tido meia hora de intervalo pra fazer isso e não fez... E, quando volta pra sala,

ele quer sair de novo. Não podia, tinha que esperar. Ele não aguentou e fez xixi na frente de todo mundo e foi aquele constrangimento. Quer dizer, a professora estava dizendo que durante o intervalo você precisava ir fazer xixi. Mas ele estava jogando futebol e nem se deu conta de que precisava ir ao banheiro.

**CF:** Ele tinha seis anos de idade! Está aprendendo ainda... Imagina que você tem 30 minutos para brincar e vai ficar na fila do banheiro.

**CS:** O fato de não poder ir ao banheiro foi uma das grandes reclamações que ouvi no grupo de escuta com alunos, do qual falei no começo dessa nossa conversa. E eles contam algumas estratégias dos professores, por exemplo, um professor permite a ida ao banheiro uma vez por mês, durante a sua aula. Ele tem uma tabela para controlar a ida ao banheiro de cada um... o professor gasta a energia dele para fazer e conferir uma tabela de ida ao banheiro.

**CF:** A energia do professor e dos alunos, porque daí vira o conteúdo da aula dele. Porque os alunos, quando se lembrarem dessa aula, vão falar disso, a conexão com esse professor vai ser essa. Quando a gente começa a estudar sobre isso vai se lembrando de histórias que aconteceram com a gente. Eu estudava em uma escola construtivista, e sentia muita dificuldade em trabalhar com argila, tinha a ver com várias questões minhas. Era muito ruim quando eu tinha que modelar argila na escola. Um dia minha professora deu uma atividade que era fazer caravelas de argila. Eu comecei e não conseguia, ela se desmanchava... Fui ficando tão desesperada que decidi ajudar os meus amigos a construir as velas das outras caravelas ao invés de fazer a minha, eu ajudava como podia. Quando chegou o intervalo, essa professora, que tinha uma voz super forte, disse: “Joana, onde está sua caravela?! Você devia ter dito que a sua estava diluída em todas as outras!”. Respondi, morrendo de medo, que não tinha conseguido fazer, mas que tinha ajudado todo mundo. “Você não fez a sua caravela?? Vai ficar de castigo! Não vai sair no intervalo, e não vai tomar lanche.” E isso era em uma escola construtivista e tal.

Há a história de uma menina das ocupações que foi enviada para Fundação Casa<sup>10</sup> porque dançou um funk na escola... E eles estão sendo enviados para a Fundação Casa com frequência.

**CS:** Qual é o crime? Ser adolescente....

Pausa para ir ao banheiro.

**CF:** Eu fiquei pensando nessa coisa da língua de sinais. Pensei que, possivelmente, na época das cavernas, os humanos usavam a língua de sinais -

---

<sup>10</sup> Instituição destinada ao atendimento de adolescentes em conflito com a lei.

deve ter algum estudo sobre isso... Faz sentido, já que não tinha o recurso da linguagem como se conhece hoje... Não sei se era uma língua estruturada, mas havia um corpo que falava... Desse pensamento, surgiu a questão: por que é tão perigosa essa língua? Qual o perigo que ela representa, por que tem que amarrar? Pensei que uma das coisas está relacionada com o fato de ser um código muito potente e inacessível para a maioria - aquela lógica segundo a qual "se eu não entendo, você não pode, eu proíbo, porque eu que mando".

Pensando nesse sentido do corpo e do código, por que o corpo é tão perigoso? Essa dimensão corporal diz respeito à vida... Todas essas questões sobre as quais a gente estava falando, a beleza, os gêneros, a comida, ir ao banheiro, tudo isso tem a ver com essa dimensão do corpo. Por que deixar o corpo falar ou se fazer notar é tão perigoso? Acho que, no caso dos surdos e dessa outra língua, tem uma conexão com o par eficiência/deficiência. Porque esse corpo falar essa língua faz com que se repense essa dicotomia, pois se esse corpo é pleno, como ele é, e fala uma língua, não lhe falta nada. Isso acaba com a dicotomia e a ideia de que existem corpos eficientes e corpos deficientes. Tentar normatizar e pôr esse corpo dentro de um parâmetro que está colocado tem muito a ver com a ideia de que esse corpo precisa ser produtivo de uma maneira determinada, um corpo que não tem espaço pra outra coisa, exceto isso. Então ele tem que oralizar, falar, se encaixar, tem que ser um corpo que produz dentro dessa lógica, tem que.... Agora, se ele não é mais deficiente, é pleno, não lhe faltando nada, torna-se uma ameaça a essa ideia, ao grande investimento que é o corpo produtivo tal qual se estabeleceu.

**CS:** É uma ameaça ao nosso próprio corpo, a esse corpo que é investido e que se afirma o tempo todo ter que ser eficiente.

**CF:** Isso. E é esse investimento em muitos níveis da ciência, da medicina, da educação, ou seja, é um grande investimento para que seja desse modo. Os meninos falam do grande investimento feito para eles não serem amigos, para que "se chegue lá". Na verdade, são muitos investimentos para se manter essa lógica da eficiência/deficiência, por que isso interessa a uma produção de mundo hegemônica. E esse corpo precisa ser visto de alguma forma como normal ou eficiente, do contrário essa lógica é ameaçada ou não faz mais sentido, e uma vez que não existe mais quer dizer que você pode existir plenamente, mesmo sendo isso ou aquilo... É uma ameaça a uma lógica muito central.

**CS:** Tô aqui me lembrando de quando vi uma proposição do Ueinz na Bienal passada que consistia numa conversa e na projeção de um vídeo e, de repente, um dos membros da companhia se deita no chão e dorme. Todo

mundo em uma posição de prestar atenção, ouvir, entrar em contato... e o cara despenca no chão. Fiquei me perguntando como e por quê eu estava tão organizada, sentada lá. Aquele corpo outro, pesado, me fez pensar porque eu preciso ser tão organizada, sentada de um tal modo, vestida com a roupa tal, porque eu não posso deitar no chão... quanto investimento meu tinha nisso tudo... Foi uma postura diferente que pôs isso em cheque. Por que eu estava tão organizada? Será que eu percebia que tinha uma ação minha nessa organização?

**CF:** Sim... e agora fiquei pensando qual a relação desse corpo que ameaça com o corpo ameaçado. Podemos dizer que o corpo é uma ameaça, e não apenas um corpo específico... Na verdade, a potência singular ameaça, a diferença ameaça. Porque o corpo é exatamente isso, ele é singular, extrapola, por isso não aguenta ser sempre encaixotado. Ele é a própria manifestação da vida. Cada corpo já mostra o quanto a vida pode ser singular; é pura diferença. Isso está estampado na cara, no cheiro, no jeito. E é claro que a gente tem uma série de modulações pra pôr na escala da quantificação e da normatização. Você está nessa escala, é um vencedor ou um perdedor, só que tudo escapa a essa lógica, não para de escapar. E segue a pergunta sobre quais saberes são produzidos a partir dessas conexões inevitáveis entre corpos a princípio proibidos de existir. Tem a ver com esses arrastões. É um outro saber, diferente do saber de dois corpos normatizados ou que estão a serviço da normatização. No momento em que, de alguma forma, por acaso ou não, uma manifestação de um modo de existência outro aparece, surge um outro saber, outra sabedoria do mundo. Isso me fez lembrar das coisas que a gente aprende com o TC, que é um mestre quilombola<sup>11</sup>. Você chega pra conversar com ele e diz “é o seguinte: precisamos falar sobre isso”, meio pra fazer uma reunião, e ele fala: “espera que eu vou lá furar o pneu da van de vocês...” Algo do tipo: não vem aqui com esse tempo e com esse corpo, com horário marcado pra começar e pra terminar. Ele faz a gente passar o dia inteiro com ele pra conseguir o que quer. Esvaziava, trocava a energia, ouvia passarinho, latido, passava por raiva, tocava tambor, escurecia, acendia o centésimo cigarro e só daí ele perguntava: “vamos começar nossa conversa?” E aí o corpo já é outro, outra disponibilidade.

No começo, ele falava na piada. Depois, começou a dizer pra gente que o tempo da comunidade, ou de uma vida, era outro. Há uma espera pra

---

<sup>11</sup> Idealizador da Rede Mocambos – que conecta física e virtualmente quilombos do Brasil inteiro através de encontros, discussões, produção de conteúdo para circulação na internet, criação de intervenções urbanas, dentre outras ações.

você chegar a saber onde está, deixar as coisas decantarem, entrar em uma afinação conjunta. E, aos poucos, ao trabalhar mais com comunidade e os projetos sociais, a gente ficou muito grata em ter conhecido o mestre TC e entender que este “tempo perdido” que ele nos pedia já está dizendo muitas coisas sobre as realidades com as quais estamos em contato. Tudo fala, tudo precisa ser observado. Não é só chegar, fazer e ir embora, porque nisso se aprende muito pouco. Uma das últimas coisas que a gente fez nesse processo com os secundaristas foi juntá-los com o TC. Esse encontro se tornou uma das conversas no livro *A batalha do vivo*. Foi um lugar de aproximação dos arrastões, para fazer uma aproximação entre o arrastão secundarista e o quilombola. Uma ocasião para sentir pra onde esse encontro ainda pode nos arrastar. Porque tem muito a ver um processo com o outro: ocupação de território, de corpo, de liberação, ocupar para liberar, conexão com uma outra forma de viver, de se relacionar e de se vincular... Há muitas conexões. Pensar esses encontros, aproximações, como esse arrastão se conecta com aquele que se conecta com aquele outro... e o que acontece no meio é uma coisa pra gente pensar e seguir investindo.

O livro se encerrou, mas ficou uma via aberta, por exemplo, ir até o quilombo onde o TC está, um quilombo urbano, uma ocupação em Campinas, levar alguns secundaristas e experimentar esse outro tempo, sentar embaixo do Baobá. Pensar sobre a educação a partir desse lugar, qual a história do quilombo, todo mundo se olhar, pensar nesses encontros, nessas relações proibidas, parece muito potente.

**CS:** Relações perigosas...

**CF:** Sim! Esse termo, relações proibidas, quem usa é Maria Galindo, do coletivo feminista boliviano Mujeres Creando. Ela faz um livro com uma liderança do movimento das prostitutas argentinas que falam o quanto, historicamente, algumas relações entre as mulheres são proibidas. Por exemplo, uma puta com uma lésbica e uma indígena. Historicamente, tal possibilidade é vista como um tipo de relação muito perigosa, o que leva a investir socialmente em dispositivos para que isso não aconteça, vários tipos de dispositivos, físicos, psicológicos, morais... E agora, aqui, conversando, penso o quanto essas relações perigosas têm a ver com essas conexões imprevisíveis, que saem da norma, produzem um saber novo, incalculável. Os secundaristas estão pedindo conexão, e eles se conectaram com um muitos tipos de pessoas, e isso vem se desdobrando e vai continuar se desdobrando. E a gente nem imagina o que pode acontecer. É muito perigoso porque é um outro saber que se promove. Essa normatização da qual a gente estava falando diz

que nosso corpo deve ser de uma determinada forma, deve aguentar certas coisas; é uma forma de controlar através de todos os mecanismos disciplinares e de controle que determinam que você se relacione somente com isso, tentando restringir as relações. E todos nos relacionamos com esse princípio regulador, mesmo que a gente não queira, estamos sempre em relação com isso.

**CS:** Como um pano de fundo?

**CF:** É um aprisionamento, uma coisa que vamos levar para sempre, não tem como, estamos dentro e é muito profundo.

**CS:** Mas quando você diz que os secundaristas falam de um outro corpo, outra sexualidade... Eles nem falam mais em gênero, eles parecem não estar mais nesse aprisionamento. E é interessante ver esse contato, eu vi uma entrevista de um grupo de educadores e professores com os secundaristas, e as perguntas que colocavam pareciam não fazer sentido ou não acessar a experiência sobre a qual os secundaristas estavam falando. Perguntas do tipo “quais são as implicações curriculares do que vocês estão fazendo?” E como estamos aprisionados nessa lógica, é preciso um esforço nosso ou das pessoas que estão ainda escutando o berrante...

**CF:** Se não fosse assim, você não se sentiria arrastada pelo corpo daquele cara que se deitou no chão, você olharia e diria: “ai, que horror, o que é isso?”

**CS:** Sim, tem a ver com como conseguir continuar acessando essa potência, porque tem um monte de gente que não consegue mais, que já está muito enrijecido. E infelizmente isso acontece também na escola.

**CF:** E é tão legal pensar sobre essas questões... A gente trabalhou com o TC e o movimento quilombola e estamos perto deles há muito tempo, dez anos. Eles têm uma discussão sobre os quilombos urbanos muito conectada com as experiências dos terreiros, mas que é também, fundamentalmente, uma história rural. Bom, há uma questão com a terra no Brasil que é ancestral. E é tão diverso, existem quilombos no Brasil inteiro, eles estão aí lutando pelo direito de acesso à terra, mas com esta luta há também uma experiência em relação ao corpo, uma forma de pensar o tempo, o corpo, a terra, coisas que me fazem imaginar a potência desse encontro com esses corpos, assim como você falou dos alunos do interior e das cidades. Você comentou que é diferente mas também é parecido, ou ainda, falam do mesmo lugar, os corpos urbanos com esses outros corpos... No que poderia dar esse encontro? Porque eles falam de uma liberdade ou talvez de produção de liberdade e de conhecimento sobre o seu próprio corpo, sua própria história. E parece ter muita conexão, mesmo sendo uma experiência diferente.

**CS:** E é uma história muito negada também. Nessa cidade, Itabira,

há quilombos, mas isso não aparece nem no discurso. E os alunos reclamaram de racismo na escola. Falaram sobre isso de forma espontânea, não foi uma pergunta. Apareceu.

**CF:** Isso é outra coisa forte. A palavra racismo começou a poder ser verbalizada recentemente, até pouco tempo atrás a gente não podia dizer racismo. A gente falava em preconceito, preconceito social. Assim como era difícil falar que o Brasil é racista.

**CS:** Os alunos não falaram em racismo, mas disseram que gostariam que, na escola do futuro ou na escola que desejam, o professor não tratasse uma pessoa de maneira diferente da outra porque uma é branca e a outra negra. Depois, em outro momento, quando fui validar com eles o que tinha sido dito, retomei essa questão e perguntei se era isso mesmo, pois indicava uma prática racista na escola. Eles disseram que sim, que existe racismo na escola. Quando perguntei como era, eles contaram que tinha a sala dos bons alunos e a sala dos maus alunos - uma prática pedagógica que já não é aceita mais. Esclareci que isso não era legal do ponto de vista pedagógico, mas que não era racista e eles responderam na hora: “ah, mas você precisa ver a cor dos maus alunos!” Eles estão ligados e estão podendo verbalizar. Claro que aquele era um espaço não exatamente escolar. E quando isso foi falado para os professores, eles ficaram muito chocados.

**CF:** Eles fazem uma sala-casa-grande e uma sala-senzala... E a gente dizia da beleza e é impressionante como esse aspecto está muito forte, a coisa da negritude, dos cabelos, do nariz...

**CS:** E quantos cabelos começaram a surgir!

**CF:** Sim, tantos cabelos diferentes! E não só eu assumo, como eu pinto para mostrar que ele existe e que quero que ele seja desse jeito. Eu ocupo para ser do jeito que eu quero ser.

Desde que eu tive meu primeiro filho, tenho saído muito pouco, e é muito interessante, porque, quando saio, ainda tenho um parâmetro outro da cidade. E agora vejo toda essa ocupação, é impressionante o quanto mudou! As ruas estão ocupadas, há vários cabelos, jeitos, roupas... essa coisa do trans, do pós-gênero, está muito visível. E não me parece nenhuma coincidência que o golpe tenha acontecido exatamente agora, porque o Brasil está diferente, o mundo está diferente. Há uma série de coisas que estamos vivendo, e ainda com a internet, que possibilitaram algumas conexões que saíram do controle. Sabemos que também estão rolando vários golpes no mundo inteiro e são golpes normativos, relacionados com o neoliberalismo, mas não só. Tem uma questão que é financeira ou econômica, mas tem outra que é de modo de

vida mesmo. Tem muito a ver com isso de fugir do controle e daí precisar vir uma onda conservadora mesmo, para não deixar escapar.

Quando a gente começou a trabalhar, 16 anos atrás, tinha algo muito novo em relação a ler algumas palavras, prestar atenção aos discursos, ler os jornais, ver as imagens, ter essa inteligência estratégica que começou a se fazer naquela época. Hoje em dia, esse saber está muito colocado na resistência. Por exemplo, a imagem do golpe, aquele bando de homem branco, rico, heterossexual, e essa imagem vira algo, para quem está atento, e não precisa mais de nenhuma palavra. A resistência – sei que está difícil agora –, está mais preparada hoje, tem uma preparação estratégica sim. Não sei o que vai acontecer, mas tem.

**CS:** Não é possível que toda essa consistência de resistência não vire algo...

**CF:** Não, não é possível. Alguma coisa vai acontecer. Por isso tem uma galera anunciando guerra civil – não dá para saber o que vai acontecer, mas parece que vai ser forte.

Toda essa potência de qual estamos falando – que precisa ser abafada, controlada e domesticada –, é justamente nela que reside alguma possibilidade de quebrar esse troço muito profundo que vai sendo introjetado e internalizado. Uma saída está justamente aí, nessa experiência de ser arrastado. Quando a gente se permite ser arrastado, há um deslocamento dessas camisas de força que nos amarram. São muitas camisas de força: mulher, branca, classe tal, eu estou nesse lugar, represento isso e aquilo. Se a gente não se deixa arrastar, ficamos exatamente no mesmo lugar, naquele que nos dizem para estar.

É quando o movimento das minas que gritavam Fora Cunha se encontra com os secundaristas, quando os quilombos e as Mães de Maio se encontram com os secundaristas, é nesses arrastamentos...

**CS:** E nas encruzilhadas.

**CF:** É a hora das encruzilhadas! Arrastão e encruzilhada, uma coisa meio Exu mesmo.

Tem a ver também com essa coisa do impasse. Tem um livro do Situaciones que se chama *Conversaciones en el impasse*<sup>12</sup> que traz o impasse

---

12 Colectivo Situaciones (coord.). *Conversaciones e el impasse*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2009.

como uma figura filosófica importante, ou como um operador conceitual, não só de travamento e imobilidade, mas como uma situação ou figura filosófica de possibilidade de retomada da potência da vida. A gente sempre percebe o impasse como uma trava, mas eles mudam isso, falam que, na configuração neoliberal atual, o impasse pode justamente evidenciar o contrário, pois ele deflagra a possibilidade da escolha ou a retomada, no âmbito do comum, da negociação. Fala da possibilidade de negociar para onde ir.

Mas depende do ponto de vista ou de que lugar você vê o impasse. Quando você vê o impasse do lugar do vivo, você percebe essa possibilidade de negociar. Quando você vê o impasse de um lugar morto, ele é só algo que está travando.

Volto a pensar no Exu: você o vê como demo ou como possibilidade de conexão, aquele que transita.

**CS:** Um diplomata...

**CF:** Tem mesmo uma diplomacia. O impasse para o que precisa parar ou o que está bloqueando a vida.

**CS:** Fechamos com o impasse?

**CF:** Parece bom...

\* Formado em São Paulo, Brasil, no ano 2000, o Grupo Contraflilé é um coletivo de arte-política-educação que cria possibilidades de praticar o direito à invenção da cidade. Dentre seus projetos, destacam-se: Programa para a Descatracalização da Própria Vida (2004) e A Rebelião das Crianças (2005) - que deu origem ao Parque para Brincar e Pensar (2011) e ao Quintal (2013). O grupo participou de importantes mostras, tais como: Playgrounds 2016 (MASP, São Paulo, 2016), 31ª Bienal de Arte de São Paulo (São Paulo, 2014), Radical Education (Eslovênia, 2008), If You See Something, Say Something (Austrália, 2007), La Normalidad (Argentina, 2006) e Collective Creativity (Alemanha, 2005). Atualmente, fazem parte do grupo: Cibele Lucena, Jerusa Messina, Joana Zatz Mussi e Rafael Leona.